



**Simão Freitas**

**Jornalista da Agência Lusa, Porto**

Há largos anos que se discute a confiança e credibilidade que os leitores colocam nos órgãos de comunicação social e nunca essa relação foi tão testada como agora. Por outro lado, também a saúde mental dos jornalistas, cada vez mais precários, a trabalhar em condições adversas, pressionados e agastados por uma guerra contra a desinformação, foi testada ao máximo, tanto pela intensidade como pela sua extensão no tempo, sem fim à vista.

Face a uma classe com problemas frequentes de precariedade laboral, ansiedade, problemas de burnout e stress acumulado, o ciclo noticioso imparável em torno da pandemia veio exacerbar estas questões e acrescentar-lhes dimensões, do medo pessoal de infeção à maior dificuldade no acesso e nas condições de trabalho, a renovada incerteza laboral.

Com efeito, a pandemia de covid-19 veio demonstrar, ao mesmo tempo, a enorme responsabilidade colocada nos ombros dos jornalistas, 'encarregados' de tratar a informação relevante, separá-la do lodo de afirmações políticas, relatos contraditórios e 'destrinçar' o importante, em linguagem acessível, de uma situação complexa e mutável ao longo do tempo.

Integro a editoria de Desporto (e ajudo em Cultura) na Agência Lusa, no Porto, mas face à pandemia de covid-19, com grande parte dos jornalistas a passar para teletrabalho, fui chamado, como muitos, a ajudar no noticiário geral em torno do tema.

Acumulei com as minhas funções habituais a de escrever sobre a evolução noutros países, reportar novos casos e ajudar no necessário.

Com o avançar das semanas, e com a exceção de histórias sobretudo relacionadas com solidariedade e outras iniciativas, a negatividade permeava mais de 90% dos textos que assinava, com um efeito cumulativo na minha saúde mental.

Por cima de escrever sobre mortos, doentes e sobre a inevitabilidade da expansão brutal, a inevitabilidade do colapso económico, outro foco de preocupação, stress e ansiedade prendia-se com a especificidade do meu trabalho habitual.

As competições desportivas foram todas suspensas. Concertos, peças de teatro adiados ou cancelados. Poucos livros, filmes, ou álbuns foram lançados. Se de um lado a ansiedade era proveniente de escrever constantemente sobre a doença, do outro estavam à vista os seus efeitos: milhares de profissionais a ver

o desemprego, a precarização e a fome como futuro.

A diária aritmética desanimadora de casos, mortos, internados, recuperados e em observação, num sem-fim de expressões que, ao saltarem do campo linguístico técnico para o vulgar, vulgarizam igualmente o humano que lhes subjaz.

A esta torrente de negatividade somava-se, depois, o receio e a preocupação pessoal, não profissional, com a possibilidade de se ser infetado, de a maior exposição que vem com o trabalho poder levar a infeções de outros, até à pressão de fazer tudo bem no terreno: usar corretamente a máscara, desinfetar as mãos, garantir o distanciamento (até durante uma entrevista). Por outro lado, fazer a pedagogia possível para a adoção de comportamentos preventivos, porque um jornalista não é um espectador.

Como a todos, a pandemia de covid-19 preocupou-me e alarmou-me. Pude afastar-me dos meus familiares durante o período de confinamento, para protegê-los, ciente de que os exporia a risco adicional, mesmo que tenham continuado a ir trabalhar. Tive mais cuidado a escrever: o fluxo de informação, e a rapidez com que era consumida, requeriam cuidados especiais. Vi esse cuidado, de forma geral, na Lusa e em variados outros órgãos de comunicação social portugueses. Face à desinformação, que provém do e fomenta medo, contextualizar, aprofundar e explicar.

Reportar comportamentos menos responsáveis, e fazê-lo sem criar um sentimento de perseguição ou estigmatização, foi uma carga adicional, mas não propriamente nova.

Segundo o International Press Institute, registaram-se 411 violações da liberdade de imprensa, a nível mundial, relacionadas com a cobertura da pandemia, entre detenções, censura, restrições no acesso a informação ou violência, verbal ou física.

Informar com responsabilidade e dever cívico. Numa situação nova, a missão é a mesma. Para quem trabalha na frente pelo jornalismo, tudo é novo e nada é novo.